

# OS JUDAIZANTES E OS PENTECOSTAIS: UMA PERSPECTIVA SOCIAL E TEOLÓGICA DOS SEUS DEMARCADORES DE FRONTEIRAS

Moyses Naftali Leal Quitério<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo busca aproximar o judaísmo do segundo templo ao moderno movimento pentecostal brasileiro e propõe uma comparação e análise de uma função social de ambos. O texto busca o diálogo com eruditos das ciências sociais do Brasil com teólogos da NPP (Nova Perspectiva sobre Paulo) com grande renome do academicismo teológico europeu e norte-americano. Paradoxalmente o ensaio compreende as mudanças sociais ocorridas no pentecostalismo, mas tece pontuais críticas no âmbito teológico. Tendo como ponto central os demarcadores de fronteiras o ensaio buscará abordar esse afastamento do clássico e a busca pelo “abrasileiramento” do neopentecostalismo concernente aos seus símbolos tidos no passado como marcas do grande avivamento.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo, Neopentecostalismo, Judaizantes, Teologia, Ciências Sociais.

## ABSTRACT

The present article seeks to bring Judaism from the second temple to the modern Brazilian Pentecostal movement and proposes a comparison and analysis of a social function of both. The text seeks the dialogue with scholars of the social sciences of Brazil with the theologians of the NPP (New Perspective on Paul) with great renown of the European and North American theological academicism. Paradoxically, the essay understands the social changes occurring in Pentecostalism, but makes critical points in the theological scope. Taking as its central point the frontier demarcators the essay will seek to address this departure from the classic and the search for the "Brazilianization" of Neo-Pentecostalism concerning its symbols once held as marks of the great revival.

**Key-words:** Pentecostalism, Neo-Pentecostalism, Judaizers, Theology, Social Sciences.

## Introdução

Entre as distâncias e aproximações podemos afirmar que o cristianismo se originou do judaísmo. Podemos destacar ainda diversos símbolos e marcas do judaísmo inculcados no cristianismo. O feriado da páscoa celebrado pelos cristãos é nada mais do que uma festa presente até os dias atuais no calendário judaico. É a partir da tal festa judaica que surge um dos maiores símbolos sagrados do cristianismo e presente a mais de dois mil anos, a santa ceia. O batismo nas águas é outra marca oriunda do judaísmo. Foi uma prática que se iniciou no judaísmo do segundo templo pelos essênios<sup>2</sup>, estendeu por João, o Batista, e que foi também

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião e Teólogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). – Membro do grupo de pesquisa NEP – Núcleo de Estudos do Protestantismo da UPM. moysesl@icloud.com.

<sup>2</sup> Os Essênios eram adeptos de uma ramificação religiosa judaica que existiu na Palestina, no Oriente Médio, entre os séculos 2 a.C. e 1 d.C. Os essênios viviam afastados da sociedade, no deserto, concentrados em estudar o Torá

adotado como uma prática na igreja primitiva. A Torá que é o livro sagrado dos judeus está presente na Bíblia dos cristãos e como qualquer religião bem fundamentada procura responder a três perguntas mais importantes de toda a humanidade: de onde somos, quem somos e para onde vamos.

Podemos mencionar também diversos outros elementos sagrados que fazem parte da cristandade até os dias atuais. Os mais diversos personagens judaicos primitivos entraram também na cultura cristã. Ainda que não seja uma adoção dos evangélicos<sup>3</sup> os discípulos de Jesus foram todos canonizados pela Igreja Católica e o Apóstolo Pedro é o grande primeiro papa da Igreja Primitiva. Alias, Jesus foi um judeu da Galileia (uma grande região no norte de Israel) e quando crucificado foi adjetivado pelos romanos como “reis dos judeus”, mesmo que todos os judeus não concordassem.

Em uma história mais recente do cristianismo nos encontramos com o pentecostalismo. Um movimento recente com um pouco mais de um século. Recente quando comparado com a história da igreja cristã. A origem do pentecostalismo remonta os movimentos de avivamento que se originaram dentro das igrejas oriunda da Reforma Protestante, do século XVI. O Pietismo e o Metodismo, foram movimentos que deram sopro ao pentecostalismo. David Martin (1990) divide em três as correntes de crescimento protestante no mundo: a Metodista, a Batista e a Pentecostal. Isso nos permiti afirmar que o pentecostalismo ainda de maneira remota e distinta é de origem judaica.

Não pretendemos cometer erros de anacronismo, pois não aspiramos atribuir época ou a um personagem ideias e sentimentos que são de outra época, apenas despertar *insights* críticos. Portanto, poderíamos nessa breve introdução perguntar: Quem são os judaizantes? Será que poderíamos compará-los com o pentecostalismo?

---

– escrituras sagradas para os judeus e que formam os primeiros cinco livros do Antigo Testamento -, jejuar, rezar e realizar rituais de purificação, numa espécie de comunismo primitivo, no qual todos os bens eram de propriedade coletiva. Em suas sociedades, que em geral excluíam mulheres, eles observavam rigorosamente os mandamentos de Moisés e obedeciam a uma estrita regra de disciplina, codificada em manuscritos, que regulava todos os detalhes da vida diária. O movimento se originou numa época em que a classe alta de Jerusalém, na Palestina, estava sob forte influência da cultura grega – racional e pagã. Uma das consequências da influência foi o afastamento entre o governo judeu local e alguns grupos religiosos, que pregavam a defesa de costumes mais tradicionais desse povo. As descobertas se desdobraram a partir das descobertas dos manuscritos do Mar morto, ocorrida no século passado. Existem grandes indícios que João, o Batista fazia parte deste grupo religioso e que o batismo nas águas fazia parte de um ritual aos iniciados.

<sup>3</sup> O termo Evangélico na América Latina abrange as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), e também as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e as neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.).

Essa é a proposta e reflexão desse texto. Em síntese, era um grupo de judeus, principalmente de missionários do primeiro século, da nossa era, contemporâneos do Apóstolo Paulo. Os judaizantes acreditavam ser necessário a conversão de um gentio para o judaísmo quando esses aceitassem *O Caminho* (nome dado primitivamente para a religião cristã). Para os judaizantes ser aceito como um judeu significava que esses novos gentios, agora convertido deveria cumprir as “obras da lei”. Nome dado pelo Apóstolo Paulo e que foi combatido ferrenhamente por ele em algumas de suas cartas.

A nossa atenção nos dará a entender quem são esses cidadãos judeus que queriam que os gentios praticassem a lei judaica, segundo os costumes e ordenanças do seu livro sagrado, a Torá. Então, quais as relações que poderíamos destacar e comparar com o moderno movimento pentecostal? A hipótese do texto é que existe uma relação social muito próxima, embora que em outras perspectivas. Para isso seguiremos as lentes de autores da Nova Perspectiva sobre Paulo (NPP<sup>4</sup>). Para tais autores as “obras da lei” são ligadas a demarcadores de fronteiras. Esses demarcadores de fronteiras é o que distinguia a escolha do verdadeiro povo de Deus dos demais povos. Do outro lado do nosso objeto de pesquisa se encontra os pentecostais com os seus (ainda restante?) demarcadores de fronteiras.

Para nos aprofundar pergunto ao leitor: O que é ser um pentecostal? As mais longas e curtas respostas suscitariam como plausível e descreveriam o indivíduo (ou igreja) pentecostal. Contudo, em sua alomorfia constante de novas igrejas e ramificações provavelmente teríamos alguma dúvida a esse respeito. Seria o batismo no (“do” ou “em”) Espírito Santo, tendo como alguns teólogos e articuladores do pentecostalismo o termo originalmente *evidência inicial*<sup>5</sup>. Outros incluiriam a glossolalia e/ou xenolalia<sup>6</sup>. Os teólogos percorreriam este campo com mais facilidade e adicionariam na lista a crença na contemporaneidade dons espirituais, incluindo dons de profecia e cura divina. Mas o atual moderno campo pentecostal com seus novos

---

<sup>4</sup> A NPP é uma vertente inovadora nos estudos paulinos que começou a surgir na década 1970, os autores que articularam essa nova perspectiva são os teólogos: James D.G. Dunn, Krister Stendahl, E.P. Sanders e posteriormente N.T. Wright, dentre outros. Segundo Brian G.L. Kibuuka a NPP é uma proposta de mudança na leitura dos textos paulinos segundo os critérios tradicionais dos autores protestante, particularmente Lutero e Calvino. Por outro lado, Dunn (2011, p.24) não acredita que a NPP seja considerada uma Escola de pensamento. Para ele a NPP “forneceu novos *insights* valiosos”.

<sup>5</sup> Gutierrez Siqueira (2007) afirma que no decorrer da formação teológica pentecostal, muitos teólogos de sólida formação acadêmica, defenderam e ainda defendem a doutrina da evidência inicial, tais como Donald Gee, Myer Pearlman, Eurico Bergstén, Antônio Gilberto, Roger Stronstad, William Menzies, Stanley M. Horton, Anthony David Palma.

<sup>6</sup> Utilizamos a definição que foi ecoada por Maxwell Fajardo. A Glossolalia é o ato de falar em línguas desconhecidas e inexistentes. Tratam-se de sons que não encontram qualquer referência em outro idioma. Nos círculos pentecostais, a glossolalia também pode ser chamada de “língua dos anjos”, expressão que aparece no livro de I Coríntios. Por sua vez, a xenolalia diz respeito ao falar em idiomas existentes, mas desconhecidos para quem fala (ALMEIDA e SOUZA, 2013 Apud FAJARDO, 2015 p.46).

arranjos sendo tipologicamente adjetivos como neopentecostais<sup>7</sup>? A teologia da prosperidade<sup>8</sup> faria parte das análises como fundamentalmente importante para um indivíduo (ou igreja) pentecostal? A ênfase da teologia da prosperidade recai a guerra espiritual e a prosperidade financeira. Seria esse um elemento adicional ao pentecostalismo?

Para percorrer este caminho a proposta deste ensaio é dividir em duas seções. A primeira seção é definir a origem dos judeus do segundo templo, seu contexto que remota um pouco antes de nossa era. Esse breve panorama histórico permitirá compreender os judaizantes. Na segunda seção discorreremos melhor a respeito dos pentecostais e compararemos com os judaizantes. Para dar conta nos limitaremos somente ao fenômeno pentecostal brasileiro.

## **A origem dos Judaizantes**

Nicholas Thomas Wright (2009, p.20) afirma que o assim chamado “judaísmo do Segundo Templo”<sup>9</sup> tem sido o mais estudado na última geração do que no milênio precedente, e que mesmo assim ainda nos dias atuais surgem novos diálogos e rumos de pesquisas, principalmente com as novas descobertas arqueológicas<sup>10</sup> abrem para novas abordagens dos pergaminhos, rabinos, fariseus, essênios. Ele também afirma que o judaísmo do Segundo Templo possui uma maneira múltipla e vibrante de entender a religião, fé, cultura e política, ainda que tais distinções não fossem admitidas na época. É nesse cenário que encontramos o nosso primeiro objeto de pesquisa. Fé e religião juntos, política e cultura entrelaçados em um único sistema de pensamento, o judaísmo. A cultura grega pagã ganha todo o império romano e causando muito incômodo para o judaísmo daquele período. As intensas disputas do Apóstolo Paulo em seus textos dão conta de apresentar à socapa toda a uma nova visão de mundo.

A defesa apresentada por Paulo para o povo em Antioquia (carta aos Gálatas) e que posteriormente alertada em sua carta magna dirigida ao povo cristão de Roma mostrou os

---

<sup>7</sup> A Tipologia foi cunhada por pesquisadores com o objetivo de esclarecer o objeto de pesquisa ao leitor. O prefixo Neo foi incluso por Antônio Mendonça no ano de 1993 e também muito empregado por Ricardo Mariano (1999) e também Leonildo Campos (1997) Por um consenso entende igreja neopentecostais criada a partir da década de 1970, sendo mais conhecido pela Igreja Universal do Reino de Deus que se utiliza deste prefixo.

<sup>8</sup> Utilizamos aqui a definição de Mariano (1999) Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio primordial de obter felicidade, saúde física, riqueza e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema caro ao cristianismo, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. Este bem-estar não será alcançado através da luta coletiva e política.

<sup>9</sup> Refere-se à religião do judaísmo durante o período do Segundo Templo, entre a construção do segundo templo judaico em Jerusalém em 515 a.C, e sua destruição pelos romanos em 70 d.C. As fontes literárias primárias para informações sobre Judaísmo do Segundo Templo são Esdras-Neemias, os livros dos Macabeus e outros Livros Apócrifos, o Manuscritos do Mar Morto, as obras de Josephus e Philo, o Mishnah, e o Novo Testamento, além dos livros apócrifos.

<sup>10</sup> Os Manuscritos do Mar Morto são uma coleção de centenas de textos e fragmentos de texto encontrados em cavernas de Qumran, no Mar Morto, no fim da década de 1940 e durante a década de 1950.

entraves que o cristianismo primitivo enfrentou. A igreja de Antioquia mostra esse cenário. Naquela igreja ocorria uma intensa disputa onde os judeus que passaram acreditar em Jesus, como o Messias (os judaizantes) queriam que os gentios (cidadãos romanos ou de outras nações) aceitassem a Jesus com a premissa de que eles praticassem as “obras da lei” (Gálatas 3:10). Em linhas gerais, significava dizer que os gentios fariam parte da comunidade judaica, com tanto que devessem praticar a Lei que em resumo consistia em: circuncisão, dieta alimentar e a guarda aos sábados, dentre outras coisas.

O Apóstolo Paulo não entendia que essa fosse a postura dos missionários judeus que acreditavam na ressurreição de Jesus e que visitavam as igrejas de todo o Império Romano. A disputa torna-se tão intensa em Antioquia que Paulo tem uma dura discussão com Pedro e Barnabé (Gálatas 2:11), inclusive menciona o irmão de Jesus, Tiago, afirmando que a justificação era somente pela fé<sup>11</sup> e que não mais precisaria das “obras da lei” que por fim tinham um outro propósito.

Ed Parish Sanders (1977), em seu livro *Paul and Palestinian Judaism* levantou uma questão que até então não estava em voga nos estudos: Contra quem o Apóstolo Paulo estava reagindo? Sanders em sua nova perspectiva sobre o judaísmo do Segundo Templo afirmou que a academia cristã por muito tempo se equivocou a respeito do judaísmo, é claro, pois as discussões eram outras. James Douglas Grant Dunn (2011, p.34) ecoa Sanders e, argumenta que o “judaísmo não estava obcecado com a justiça segundo as obras como um caminho para assegurar um favor divino”. Muito pelo contrário, a teologia de salvação do povo de Israel começou com uma iniciativa da generosidade de Deus. Israel entendia que foi Deus que escolheu eles por meio dos patriarcas. Eles eram aceitos por Deus e ponto final.

N.T. Wright (2009, p.40) afirmou que “a Torá era o guia e Israel tornando-se o povo privilegiado escolhido por Deus criador”. Em outro momento do texto N.T. Wright (2009, p.29) descreve que Israel tinham em mente que mesmo exilado Deus não havia abandonado o seu povo no momento que o despachou para a Babilônia”. Dunn (2011, p.34) acrescenta que em nenhum momento “Deus exigia perfeição do seu povo, ele permitia falhas, ao fornecer meios de expiação e perdão para quem se arrependesse de seus pecados”.

Para esse tipo de relação Sanders encontrou a fórmula-chave para este relacionamento entre Israel e Deus e deu o nome de – “nominismo da aliança”, que indica um inter-

---

<sup>11</sup> É preciso lembrar que o termo “justificação pela fé” foi o grande ápice da leitura e discussão de Martinho Lutero no século XVI.

relacionamento entre a iniciativa divina (aliança) e a resposta humana (nominismo) que é caracteristicamente uma marca do judaísmo.

“Nominismo da aliança” é a visão de que o lugar de uma pessoa nos planos de Deus está estabelecido com base na aliança e que a exigência da aliança exige como resposta apropriada dos seres humanos sua obediência aos mandamentos da aliança, enquanto fornece meios para a expiação das transgressões. (SANDERS 1977, p.75).

Dunn (2011, p.37) propõe em sua pesquisa que a lei tinha como principal objetivo cumprir uma “função social” e mais, servia para delimitar ou separar Israel das outras nações. As obras da lei que tanto Paulo se contrapõe servia como demarcadores de fronteiras. Esses demarcadores eram rituais e práticas que distinguiam Israel de outras nações. Israel, naquele tempo os judeus entendiam como “zelo” (Romanos 10:2), ou seja, como uma dedicação à tarefa de manter o status como uma nação escolhida de Deus. Paulo condenava tal atitude pois ele entendia que isso mais tinha haver com orgulho sobre privilégios étnicos do que com orgulho de pertencer ao povo escolhido.

É obvio que para qualquer cristão de hoje em dia que realiza uma leitura detalhada observa tais disputas de Paulo com os missionários entende de uma outra maneira. Mas o grande desafio é que tais demarcadores de fronteiras eram uma identidade nacional e mais do que isso, mostrava à fidelidade a aliança. Nenhum judeu jamais poderia ignorar as exigências explícitas de Genesis 17. Relata o pacto do patriarca Abraão com a circuncisão de seu filho Isaque:

Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o SENHOR a Abrão, e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito. E porei a minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei grandissimamente. [...] Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: serás o pai de muitas nações; E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai de muitas nações te tenho posto; [...] Disse mais Deus a Abraão: Tu, porém, guardarás a minha aliança, tu, e a tua descendência depois de ti, nas suas gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado. E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós. (BÍBLIA SAGRADA – Gênesis 17:1-11 - Almeida Corrigida Fiel).

Na tentativa de exemplificar para os dias atuais, é como não mais precisassem exercer as praticas dos sacramentos e/ou ordenança que a igreja cristã tem até os dias de hoje. Em linhas gerais poderíamos descrever o batismo nas águas e a santa ceia. Por mais leigo que seja o cristão (católico ou evangélico) praticante da atualidade concordaria que seria inevitável extinguir ritos. Assim era para com o povo judeu.

Contudo, esses demarcadores representavam muitas disputas. Wright (2009, p.20) explica que ser fiel à Torá, significava “manter a identidade judaica em face ao mundo pagão que invadia de todos os lados” e precisavam, “esperar a vinda do reino de Deus, do ‘século futuro’ prometido pelos profetas”. Esse era o mundo de Paulo em sua época.

O zelo, como dito acima, era algo de extrema importância para os judeus daquele período e orgulhavam por isso. A Revolta Macabeia era algo de extremo orgulho e lembrado para que os outros judeus fossem também zelosos (1 Macabeus 2). A história narra que a Revolta originou quando Matatias matou um oficial sírio, o motivo foi que o oficial sírio ordenou que as pessoas de sua aldeia sacrificassem a carne de porco a ídolos. Matatias gritou na cidade com voz alta, dizendo “que saia comigo cada pessoa que for zelosa pela Lei e apoiar a aliança”, assim que iniciou a revolta (Dunn 2011, p.517). Esses ideais de preservação a lei, ou seja, a observância da circuncisão, dieta alimentar e a guarda do sábado foram desenvolvidos a partir de tal revolta. (1 Macabeus 1.60-63).

Outra história do zelo é a conhecida história do profeta Elias (I Reis 18) é um exemplo de fidelidade, tornando-se assim um herói, a carnificina ocorrida no monte Carmelo quando desafiou e pôs fim as práticas sincréticas do Rei Acabe e da Rainha Jezabel, a morte de 450 profetas de Baal são descritas de maneira discreta na Bíblia. Outra história é a de Finéias (Números 25.6-13) que, ao ver um israelita levar uma mulher midianita para a sua tenda, tomou a lança e transpassou os dois juntos. Ele era lembrado nos dias do judaísmo do segundo templo como um herói.

Não resta dúvidas que Israel era uma nação que se orgulhava por seus atos de zelo. Era comum na época de Paulo citar os “heróis do zelo”. Essa obrigação (obras) da lei exigindo para que os judeus se “separem” dos outros. A separação do mundo helenista tornou-se cada vez mais intensa. É neste período dos Macabeus que surgem os grupos separatistas, zelotes, fariseus e essênios, e é nos evangelhos que observaremos como Jesus dialoga com tais grupos judaicos com o constrangimento e sagacidade na mensagem.

O que podemos entender até aqui? Tal pano de fundo, nos permitiu ver o lado dos judaizantes. Eles tinham o seu motivo para se opor ao Apóstolo Paulo. A sua verdade valia muito para o contexto da sua época e do seu povo, o orgulho de pertencer ao povo escolhido fazia com que esses demarcadores de fronteiras fossem essencialmente utilizados para uma ortodoxia conservadora.

Entender tal contexto social da época permite um novo olhar a esses itens de função social. E.P. Sanders (1977) entendeu como “nominismo da aliança”. N.T. Wright (2009) discorre em suas obras como “símbolos de Israel”. Dunn (2011), entende como “demarcadores de fronteiras”. São apenas adjetivos dados aos zelos pelas ações das “obras da lei”, mas que no fim, tem o mesmo sinônimo. Como vimos até o momento, se preferiu utilizar o nome dado por Dunn (2011). Entretanto, o que isso tem haver com os pentecostais?

## E quanto aos Pentecostais?

Os demarcadores de fronteiras como vimos constituía em uma função social. Os pentecostais assim como outros grupos possuem os seus. Dunn (2011, p.317-318) cita a infalibilidade do papa para os fiéis da Igreja Católica Romana, a inerrância para os fundamentalistas protestantes, o sacerdócio exclusivamente masculino para anglicanos, e para os pentecostais? A “evidencia inicial”, ou o batismo do Espírito Santo para os pentecostais “clássicos”. Esses são alguns exemplos que distinguem as denominações ou grupos de outros. Para ele, são questões vitais que distinguem as religiões, igrejas, grupos e movimentos e causam certamente grandes debates de quem é o “certo” na história. São tais demarcadores de fronteiras que os fiéis demonstram apostasia ou a lealdade, são crenças com embasamento teórico e sagrado de ambos os lados.

Seguindo pelas lentes das ciências sociais, podemos destacar que os demarcadores de fronteiras do pentecostalismo recaem basicamente em três tipos de pentecostalismo. Para simplificar e não perdemos muito tempo sobre isso, uma vez que temos muito material<sup>12</sup>. Mas destacamos a definição da tipologia de ondas proposta por Paul Freston (1993, p.63):

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido com a história de três ondas de implantação de igrejas. A Primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) (...). A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (...) O contexto é fundamentalmente carioca.

A tipologia de Freston (1993) nos permite destacar os demarcadores de fronteiras do movimento. O pentecostalismo da primeira onda, que surgiu entre 1910 e 1911. O demarcador de fronteira recai na doutrina da salvação e também no Batismo no Espírito Santo, dando ênfase no exercício dos dons espirituais. O pentecostalismo da segunda onda, que surgiu na década de 1950. A ênfase recai na cura divina e também na expulsão dos demônios. Para o pentecostalismo da terceira onda, que foi iniciado na década de 1970, ser pentecostal está ligado a prosperidade financeira, cura divina e expulsão dos demônios, ou se preferir, o tripé da Teologia da Prosperidade.

---

<sup>12</sup> Para aprofundar nas propostas tipológicas do pentecostalismo brasileiro destaco um artigo escrito pelo autor e publicado no ano de 2017 pela Revista REPAS. Título: *Contribuições Sociológicas para o Pentecostalismo Brasileiro: Tipologias propostas e um breve ensaio sobre uma nova perspectiva do futuro* - Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/22/12>> acesso em 23 de maio de 2018.



Esses demarcadores de fronteiras cumprem uma função social e também teológica. Eles se tornam muito competitivo entre o meio pentecostal causando motivo de orgulho ou despreensão, depende do lado que está. O mesmo orgulho e zelo dos judaizantes são também dado pelos pentecostais em suas intensas disputas. Porém o pentecostalismo é dinâmico e as instituições se concorrem entre si. É muito comum observar demarcadores do pentecostalismo de uma onda sendo usado por outro. Por exemplo, como um produto do meio<sup>13</sup>, é possível observar as práticas da teologia da prosperidade da terceira onda sendo facilmente adotado por pentecostalismo da primeira e segunda onda. Para Ricardo Bitun (2007), isso é a Remasterização da Fé. Isso descaracteriza e mostra a perda de seus símbolos.

Em um texto publicado por Samuel Valério (2017), trabalhou justamente essa adoção de igrejas evangélicas que adotam práticas de igrejas neopentecostais. O termo usado por ele é: *processo de neopentecostalização*, para ele significava dizer que são igrejas com dupla pertença religiosa, um produto da pós-modernidade. São tais demarcadores de fronteiras sendo rompido e vamos assim dizer, adotando as melhores práticas do mercado.

É neste momento, que as tipologias propostas pelos mais diversos cientistas nos permite um olhar treinado e atento para perceber tais diferenças em tais demarcadores. Como dito acima, a função da tipologia é esclarecer o leitor, pesquisador ou movimento. E é nesta intenção de esclarecimento que surgem novas perspectivas tipológicas como a proposta feita por Paulo Siepierski. Interessou para ele discorrer a respeito da terceira onda, onde descarta o termo *neopentecostalismo* e utiliza o termo *pós-pentecostalismo*. Para ele, significa dizer que é um afastamento do pentecostalismo tendo como “cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual. Os traços característicos incluem uma mistura deliberada de religiosidade popular” (SIEPIERSKI, 1997, p.51).

Outra contribuição, ainda que muito pouco citado e ainda desconhecido é a dissertação de Washington Franco (2007), que propõe uma tipologia: pseudo-pentecostal. A interpretação de Franco (2007, p.30) é “o uso do prefixo grego ‘*pseudo*’ indica a falsa natureza de algo que embora pareça ser não é”. Para ele não significa dizer que o termo adotado tenha a conotação de uma religião falsa ou falsa igreja e para defender recorre a Durkheim, que acredita que todas as religiões são verdadeiras a seu modo e todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes,

---

<sup>13</sup> Para um pesquisador que não conhece profundamente o movimento pode causar certo equívoco. Mendonça (2001) em um artigo escrito, afirma que os de “dentro”, ou seja, pesquisador do pentecostalismo, por vezes levam vantagem pois conseguem discernir uma da outra, pois obliteram a compressão e a definição de tal campo religioso.

as condições dadas da existência humana. Franco (2007, p.27) entende que as tipologias adotadas até o momento (quadro acima) “pressupõe vínculos de essência com o movimento original”. A grande protagonista, a Igreja Universal do Reino de Deus rompeu drasticamente a ponto de assumirem posturas e praticas religiosas antagônicas ao mesmo.

Vejamos, a tipologia de Siepierski (1997) e Franco (2007) é bem antagônica ao que os pesquisadores propuseram em esclarecer. Mas o que isso pode nos mostrar? Podemos observar que além do efeito da neopentecostalização. Instituições pentecostais tradicionais e os neopentecostais assumem definitivamente a perda de seus demarcadores de fronteiras que foram tão importantes para se consolidarem. Adotam em tempos sombrios uma religiosidade popular brasileira com o uso de elementos mágicos e objetos dos cultos e superstições. Franco (2007, p.30) “acrescenta fita e pulseiras especiais, água fluidificada, sal grosso, ramo de arruda, rosa ungida, tocha para ser tocada nos documentos”.

Cecília Mariz (1999) reproduz a pergunta de Pierre Sanchis: “o Brasil se tornará pentecostal ou o pentecostalismo vai se abasileirar? Apontando para a Igreja Universal do Reino de Deus, Sanchis e Mariz acredita que haverá “abasileiramento” do neopentecostalismo. Mariz acalora a discussão e propõe um sincretismo religioso, oriunda da cultura brasileira, propondo uma continuidade nessa religiosidade e que nunca houve este afastamento por parte dos neopentecostais, ou se preferir, os demarcadores de fronteiras começam cada vez mais se esgarçar.

É notório que o contexto dos judaizantes do primeiro século de nossa era e o pentecostalismo moderno e atual é um abismo em termos históricos sociais. Os dois mil últimos anos proporcionaram a humanidade enormes transformações sociais. A perda desses atuais demarcadores de fronteiras pode estar ligada a diversos fatores da modernidade. Sem deixar sair de nosso olhar, a secularização ocorreu dentro das próprias religiões. Podemos incluir o protestantismo que contribuiu para a redução do sagrado. Essa perda dos símbolos de fronteiras esta estritamente ligado a competitividade e pluralidade e a rápida capacidade que o pentecostalismo consegue oferecer.

## **Considerações Finais**

Foi possível observar como esses demarcadores de fronteiras cumprem uma função social muito importante para os grupos religiosos. E que também não é algo recente dos pentecostais ou dos judaizantes. É muito mais antigo. Tais demarcadores de fronteiras não são novos dentro da religião. Começou com Abraão, Moises e Israel. Além da função social é

também uma função teológica. Pudemos observar também que quanto mais abrimos para novos arranjos mais criamos polêmicas. Discussões tanto podem distanciar ou aproximar igrejas ou religiões.

Observamos também que a pressão dos judaizantes foram intensas na Igreja Primitiva e foi justamente onde Paulo se desgastou em seus discursos de defesa, foi também por conta disso que sofreu perseguições e prisões. A aceitação dos gentios na crença de Jesus foi a grande barreira imposta pelos judeus. Não demorou muito tempo para que houvesse o desdobramento do judaísmo. Em determinado momento o rompimento do judaísmo e o cristianismo tornou-se inevitável. O cristianismo teve que seguir sua peregrinação se distanciando da presença do judaísmo.

No pentecostalismo não é diferente. Na atual era que vivemos poderíamos compará-la esses demarcadores como cercas elétricas e que são bem definidas dentro do movimento. As disputas ocorrem desde sempre. As intensas desavenças por espaço fazem cada vez mais distanciarem do pentecostalismo chamado clássico como o caso das tipologias propostas neste texto como o pós-pentecostalismo ou pseudo-pentecostalismo.

Os diversos estudos, e não somente os apresentados por Siepinski (1997) e Franco (2007), sinalizam o distanciamento de igrejas neopentecostais ligadas ao movimento para uma religiosidade popular brasileira com os seus apetrechos e sincretismo. Pelo olhar das ciências sociais, se mostra como um fenômeno com desdobramentos cada vez mais instigante por vir. Resta observar nas próximas décadas o distanciamento das igrejas da terceira onda do pentecostalismo.

E teologicamente, como devemos dialogar? Poderíamos traçar os mais diversos caminhos e tenho certeza que cada parágrafo a ser escrito tem o desejo de fomentar e propor ainda mais novas discussões. A metáfora da abelha rodeando o jarro de mel seria muito propícia para a aplicação neste assunto. Isso porque são as mais variadas tensões teológicas a respeito do pentecostalismo e caberia um novo artigo dando a continuidade neste texto.

Teologicamente, destaco três pontos para refletirmos: 1- Olhar para o Jesus histórico, observe pouca prática dos pentecostais como modelo interpretativo/exegético em seus sermões. Entendo que essa reflexão fará pensar e refletir sobre práticas, estilos de vida, e o modo de ser igreja; 2 – A Bíblia, tem muito a dizer sobre dinheiro, riqueza e poder, seja de um jovem rico a uma pobre viúva, do copeiro ao rei. Veremos uma riqueza de exemplos. Observe que lemos as parábolas e romancemos e sentimentalizamos. Muitas vezes é interpretado de maneira

equivocada e fingimos que não somos escravos da riqueza; e por fim, 3 – Existe uma prática sempre condenada por Israel e isso permeia toda a Bíblia – Idolatria – e acredito que é o pecado da confiança errada e o desejo por algo que não seja o verdadeiro de Deus. Deste modo, o pentecostalismo precisará a ser uma voz profética de esperança e justiça.

## **Referências Bibliográficas**

- BÍBLIA SAGRADA – Edição Almeida Corrigida e Revisada Fiel. ACF. 1994.
- BITUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal*, Tese (Doutorado) – PUC. 200p. São Paulo, 2007.
- CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Vozes: Rio de Janeiro, 2007.
- DUNN, James D.G. *A Nova Perspectiva Sobre Paulo*. São Paulo. Ed. Academia Cristã. 2011.
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)*. 2015. 358 f. Tese (Doutorado em História). Assis, 2015.
- FRANCO, Washington Santos. *Um Estudo da Igreja Universal do Reino de Deus: matrizes, pseudo-pentecostalismo, Discurso televisivo, formas de interação, teologia da prosperidade*. UFAL, 2007.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo. Editora: Loyola. 1ª ed. 1999 - 5ª Ed., 2014.
- MARIZ, Cecília Loreto. 'A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia'. Bib - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, 47:1, pp. 33-48. 1999.
- MARTIN, David. *Tongues of fire: the explosion of Protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990.
- SANDERS. Ed Parish. *Paul and Palestinian Judaism*. Philadelphia: Fortress Press, 1977.
- SIEPIERSKI, Paulo. *Pós-pentecostalismo e Política no Brasil*, Revista Estudos Teológicos v.37 n.1, 1997.
- VALERIO, Samuel Pereira: *IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS CLÁSSICAS E NOVOS PENTECOSTALISMOS - Reconfiguração do tradicional e novos modelos* ISSN 1980-9824 |Volume XI – Ano 12 | Revista Ancora - Agosto de 2017.
- QUITÉRIO, Moyses Naftali Leal. *Contribuições Sociológicas para o Pentecostalismo Brasileiro: Tipologias propostas e um breve ensaio sobre uma nova perspectiva do futuro* - Revista REPAS. v. 2 (2017) 2017.
- WRIGHT, Nicholas Thomas. *Paulo Novas Perspectivas*. Editora Loyola. São Paulo. 2009.